



Ueliton Santos Moreira-Primo



Universidade Federal de Sergipe (UFS)

welitomoreirap@gmail.com

Dalila Xavier de França



Universidade Federal de Sergipe (UFS)

dalilafranca@gmail.com

EFEITOS DO RACISMO NA TRAJETÓRIA ESCOLAR DE CRIANÇAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

RESUMO

O objetivo deste artigo foi realizar uma revisão sistemática de estudos com foco nos efeitos do racismo em crianças no contexto da escola. Foi realizada uma busca nas bases de dados SciELO, Periódicos CAPES, Base Digital de Teses e Dissertações e Google Acadêmico, utilizando os termos “racismo”, “escola” e “educação”, selecionando aqueles que tinham como foco as crianças. O banco final incluído na análise foi constituído por 34 estudos empíricos, publicados desde 1999. Os estudos revelam efeitos prejudiciais do racismo nas crianças negras, principalmente na construção negativa de suas identidades e a baixa autoestima. Poucos elogios, carinho e aproximações às crianças negras marcam as reações do professor e da escola, que, ao produzir tratamento diferenciado entre as crianças, privilegiam as crianças brancas e desconsideram a existência das crianças negras. Os achados mostram que são urgentes a criação e implementação de medidas visando à redução do racismo na escola.

Palavras-chave: Criança. Educação. Racismo na escola.

EFFECTS OF RACISM IN CHILDREN'S SCHOOL TRAJECTORY: A SYSTEMATIC REVIEW

ABSTRACT

The objective of this article was to conduct a systematic review of studies focusing on the effects of racism on children in the school context. A search was conducted in the SciELO, Capes Periodicals, Digital Thesis and Dissertations and Google Scholar databases, using the terms "racism", "school" and "education", selecting those that focused on children. The final database included in the analysis consisted of 34 empirical studies, published since 1999. The studies show the harmful effects of racism on black children, especially on the negative construction of their identities and low self-esteem. Few compliments, affection and approximations to black children mark the reactions of the teacher and the school, which, by producing differentiated treatment among children, privilege white children and disregard the existence of black children. The findings show that the creation and implementation of measures aimed at reducing racism at school is urgent.

Keywords: Child. Education. Racism at school.

Submetido em: 25/08/2019

Aceito em: 24/11/2019

Publicado em: 06/04/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n26p176-198>



I INTRODUÇÃO

O Brasil registra elevados índices de desigualdade social, educacional e econômica relacionados à cor da pele (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2013). Apesar disso, no Brasil ainda existe a crença de que a população brasileira vive numa “democracia racial”, de suposta miscigenação harmoniosa, cordial e isenta de conflitos. Tal pressuposto sugere que existe um sistema desprovido de qualquer barreira para a igualdade, negando o racismo, o conflito, o preconceito e as desigualdades ao afirmar que as oportunidades são iguais para todos (NASCIMENTO; FERNANDES, 2018). Florestan Fernandes (1920-1995) foi um importante nome na desconstrução desse pensamento, ele afirmou que a “democracia racial” é um mito que atua para esconder as desigualdades existentes no país (FERNANDES, 1965), servindo como instrumento ideológico do pensamento oligárquico brasileiro, a fim de silenciar e coibir o debate sobre a questão étnico-racial no país, sobretudo da existência do racismo.

O racismo, segundo Lima; Vala (2004, p. 402), constitui-se um “processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada) [...]”. O racismo é uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grupos chamados raças contrastadas que presume a existência de raças superiores e inferiores (MUNANGA, 1999). Apesar da sua relevância enquanto problema social, o racismo quase sempre é percebido como sendo um problema do outro e, portanto, distante de cada um de nós (LIMA; VALA, 2004). Embora se reconheça a existência de racismo no Brasil, alguns estudos indicam que, por exemplo, muitas pessoas não se consideram preconceituosas (CAMINO *et al.*, 2001). Intimamente relacionados ao racismo, encontram-se os processos de preconceito e discriminação. O preconceito define-se como uma atitude negativa e hostil contra um membro de um grupo, simplesmente porque ele pertence a esse grupo e, portanto, presume-se ter os traços negativos atribuídos a esse grupo (ALLPORT, 1954). O autor coloca que o preconceito como atitude não é inato, ele é aprendido socialmente, conforme o sujeito se insere na sociedade. A expressão do preconceito no campo da ação é a discriminação, definida como um comportamento ou conjunto de ações que impedem que determinados indivíduos ou grupos gozem dos seus direitos individuais e sociais, também pelo fato de possuírem certas características (consideradas desagradáveis) ou por serem membros dos referidos grupos (ALLPORT, 1954).

Na escola, o racismo impõe aos alunos negros uma trajetória mais difícil do que a imposta ao alunado branco. Os dados mais recentes coletados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 2013, mostram que as taxas de analfabetismo no Brasil se dão mais na população negra e o número líquido de presença dessa população em escolas brasileiras é menor do que a de brancos, diferença que repercute em todos os níveis de ensino (infantil, fundamental, médio e superior) e cresce a

cada uma dessas etapas (BRASIL, 2015). Essa desvantagem é sintomática e deixa evidente como o racismo coopera em uma trajetória escolar mais curta e acidentada para o alunado negro, que se evade e é excluído do sistema de ensino. (CHAGAS; FRANÇA, 2010).

Isso mostra que os negros continuam sendo vítimas, apesar dos avanços recentes, do que tem sido denominado, na literatura, como racismo. Além do grupo dos negros, afrodescendentes e quilombolas, também os índios, ciganos, judeus e pertencentes a religiões de matrizes africanas são outros alvos do racismo no Brasil. No último caso, o racismo religioso é fruto do processo histórico de exclusão e negação das Religiões de Matrizes Africanas (RMAs), fundadas por povos negros, como o Candomblé e a Umbanda. Alguns autores chamam a atenção para a expressão “racismo religioso” como a nomeação adequada para se referir às violências sofridas pelos povos de RMAs (NASCIMENTO, 2014; OLIVEIRA, 2016) e também movimentos afrorreligiosos.

Conforme Munanga (2005), a concretização do racismo na escola se apresenta nas datas comemorativas, quando as figuras/imagens de crianças e famílias negras não estão presentes; nas datas afirmativas, quando o 13 de Maio e o 20 de Novembro se tornam os únicos dias para se falar da história negra, com imagens muitas vezes caricatas, resumindo-se, quase sempre, à escravização dessa população; nos livros didáticos, pela ausência dos negros e das negras em suas páginas, ou nas presenças subalternas desses protagonistas, marcadas pela estereotipia e caricatura.; na ausência nas historinhas contadas e narradas pelos professores para as crianças, a ausência de falas que apresentem a luta, a cultura e o protagonismo histórico do negro no país.

O racismo na escola também se concretiza: no tratamento dado pelos professores às crianças, quando somente às crianças brancas são valorizadas e tratadas positivamente, com elogios, carinho; nas atitudes negativas direcionadas pelos mesmos profissionais às crianças não brancas, com a invisibilização, a exclusão e a não valorização. A posição do professor na escola é uma das mais privilegiadas no contato com as crianças, ao mesmo tempo, a posição desses profissionais também pode facilitar o tratamento diferenciado entre grupos de alunos (HONDT *et al.*, 2016). Do mesmo modo que o professor é percebido como um importante colaborador para a manutenção das desigualdades raciais no ambiente escolar, ele também é visto como aquele que pode contribuir para uma educação mais equânime (SANTOS, 2014), devendo ser de sua responsabilidade facilitar a harmonia intergrupar dos alunos e de suas diferenças (PETTIGREW, 2011). Considerando essa posição dos professores, eles podem ter um importante impacto nas trajetórias educacionais dos alunos.

Nesse sentido, as experiências vividas pelas crianças na escola, junto com os membros presentes nesse ambiente, são extremamente importantes para seu desenvolvimento. No que se refere ao racismo, é amplamente reconhecido que crianças são consideradas particularmente vulneráveis aos efeitos nocivos do racismo e da discriminação racial, com consequências tanto na infância quanto ao longo da vida (PRIEST

et al., 2014). Em vista disso, é necessária uma maior atenção para compreender o impacto de tais experiências em crianças em contextos importantes de suas vidas. As escolas são locais-chaves na vida de crianças, onde elas passam a maior parte do tempo interagindo com outros pares e com os adultos. São também as escolas o cenário mais comum no qual experimentam racismo e discriminação racial (PRIEST et al., 2014). Portanto, trabalhos são necessários para verificar as experiências de racismo em crianças nas escolas e as maneiras pelas quais tais experiências afetam suas trajetórias. No contexto brasileiro, um estudo de revisão sistemática com foco nesse público e contexto é necessário, tendo em vista a importância do fenômeno, bem como a inexistência de revisões já publicadas.

Diante do exposto, o presente artigo teve por objetivo realizar uma revisão sistemática de estudos brasileiros sobre os efeitos do racismo na trajetória escolar de crianças. Mais especificamente, este artigo analisa os principais objetivos dos estudos e os principais resultados encontrados. Afinal, quais os efeitos do racismo na trajetória escolar de crianças? Como as escolas têm contribuído para isso?

Verificar essas questões, através desta revisão sistemática, é um passo importante para problematizar as questões das relações étnico-raciais no Brasil, com foco no grupo de crianças e no contexto da escola. Para o conhecimento científico e para a sociedade, este estudo se mostra relevante, pois, enquanto problema social, o racismo dificulta as conquistas por relações de igualdade e de bem-estar, culminando, inúmeras vezes, em relações desiguais e de sofrimento. Sem dúvidas, para enfrentar o racismo no cotidiano escolar, inicialmente é necessário conhecer como ele se manifesta e os impactos que ele causa nas suas principais vítimas.

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma busca nas bases de dados SciELO (Scientific Eletronic Library Online), Periódicos Capes, Base Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Google Acadêmico. A consulta foi feita no mês de outubro de 2018, a partir dos descritores “racismo”, “escola” e “educação”. Tendo conhecimento de que muitos textos utilizam “escola” e “educação” como palavras similares e da opção de busca por operadores booleanos não ser possível em todas as bases de dados, optou-se por padronizar fazendo duas buscas em cada base, a primeira utilizando os descritores “racismo” e “escola” e a segunda “racismo” e “educação”. Assim, foi possível ampliar o acesso ao maior número de estudos. Nesse processo, a segunda busca serviu para selecionar publicações que não apareceram na primeira consulta, sendo estes incluídos no artigo quando atendidos os critérios de inclusão. Nas duas primeiras bases, SciELO e Periódicos Capes, os termos de busca com operadores booleanos foram “racismo AND escola” na primeira busca e “racismo AND educação” na segunda. Na BDTD, não se valendo de operadores booleanos, a busca utilizou os termos “(racismo)” “(escola)” na primeira busca e “(racismo)” “(educação)”

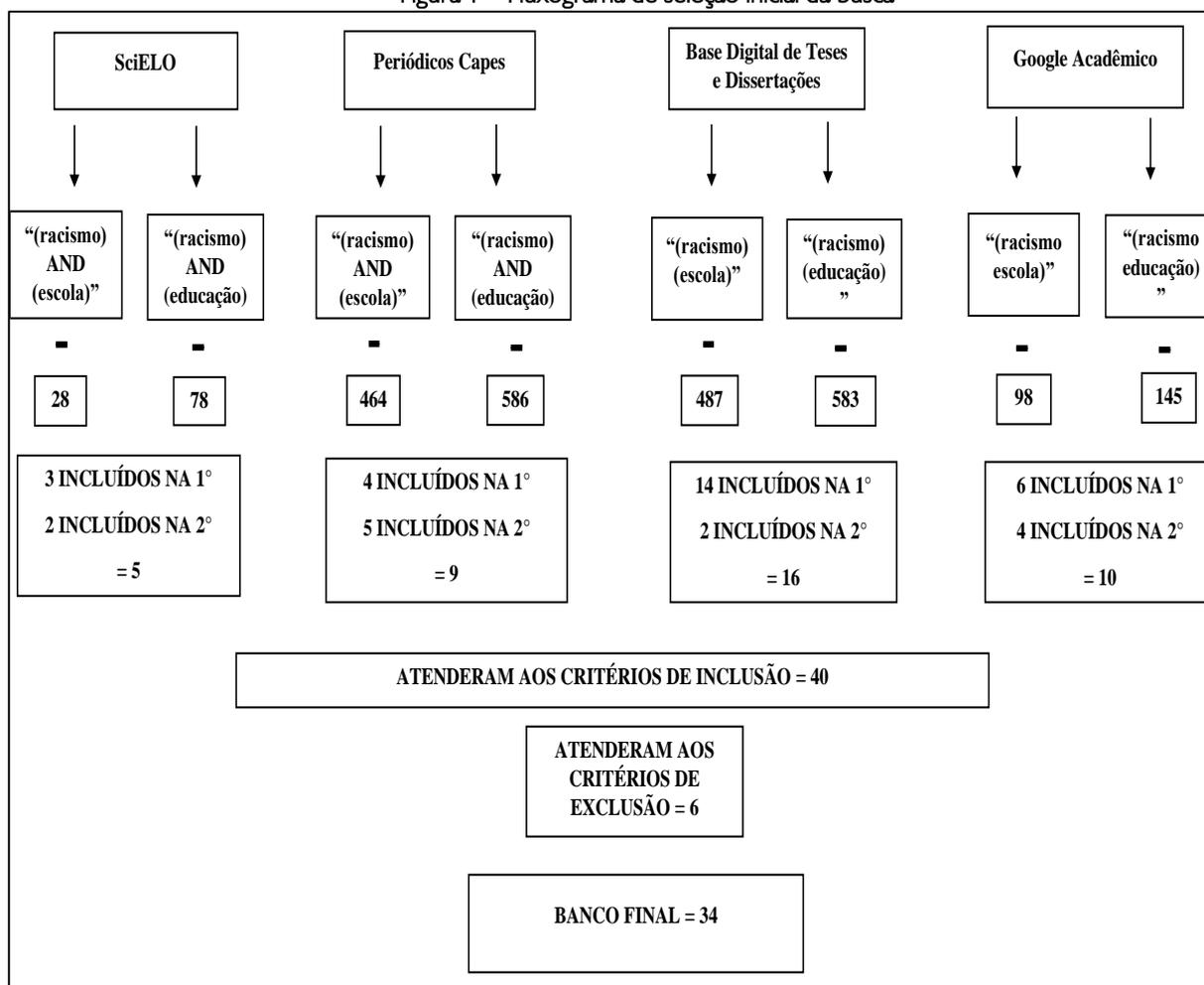
na segunda. Por fim, no Google Acadêmico, também sem a utilização de operadores booleanos, os termos descritos no título foram “escola racismo” na primeira busca e “racismo educação” na segunda. Optou-se por não delimitar, em nenhuma das buscas, o período de publicação e o idioma dos estudos. Assim, não se correu o risco de excluir estudos importantes em virtude apenas da data de sua divulgação e idioma.

Após esse primeiro processo, foram aplicados cinco critérios de inclusão dos estudos: (1) ter como objetivo principal analisar as relações étnico-raciais na educação escolar de crianças; (2) apresentar resultados que demonstram efeitos, prejuízos e/ou danos do racismo nesse público; (3) ser estudo brasileiro; (4) ter estudo empírico e (5) ser artigo, dissertação ou tese. Para checagem dos critérios de inclusão, foram analisados título, resumo e palavras-chave dos estudos.

Logo depois, dois critérios de exclusão foram aplicados: (1) foram excluídos os estudos duplicados entre as bases de dados, ou seja, de uma base para outra. Em seguida, foram recuperados os textos completos dos estudos selecionados e submetidos a uma nova seleção; (2) foram excluídos os artigos, teses ou dissertações que apresentavam apenas o resumo e não tinham o texto completo disponível na internet.

A busca inicial na base de dados da SciELO gerou um total de 28 publicações, quando se buscou por “(racismo) AND (escola)”, e 78 quando se buscou por “(racismo) AND (educação)”. Atenderam aos critérios de inclusão 3 na primeira busca e 2 na segunda, totalizando 5 estudos incluídos. Nos Periódicos CAPES, os resultados encontrados para “(racismo) AND (escola)” foram 464 publicações, quando se buscou por “(racismo) AND (educação)” o número foi de 586. Atenderam aos critérios de inclusão 4 na primeira busca e 5 na segunda, totalizando 9 estudos incluídos. A pesquisa na BDTD resultou no total de 487 quando se buscou por “(racismo) (escola)” e 583 quando buscado por “(racismo) (educação)”. Desses, 14 atenderam aos critérios de inclusão na primeira busca e 2 atenderam na segunda, totalizando 16 estudos incluídos. No Google Acadêmico, 98 publicações foram encontradas quando se buscou por “racismo escola” e 145 quando se buscou por “racismo educação”. Desses, 6 atenderam aos critérios de inclusão na primeira busca e 4 atenderam na segunda, totalizando 10 estudos incluídos. Ao todo, 40 estudos atenderam aos critérios de inclusão: (SciELO 5; Periódicos Capes 9; BDTD 16; Google Acadêmico: 10). Dos 40 estudos incluídos, 6 atenderam aos critérios de exclusão: 5 por serem materiais duplicados entre as bases e 1 por não está disponível na internet o texto completo. Restaram, portanto, 34 estudos, os quais foram incluídos na análise principal deste estudo. (Um fluxograma do processo de busca e seleção inicial das publicações está disponível na Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma de seleção inicial da busca

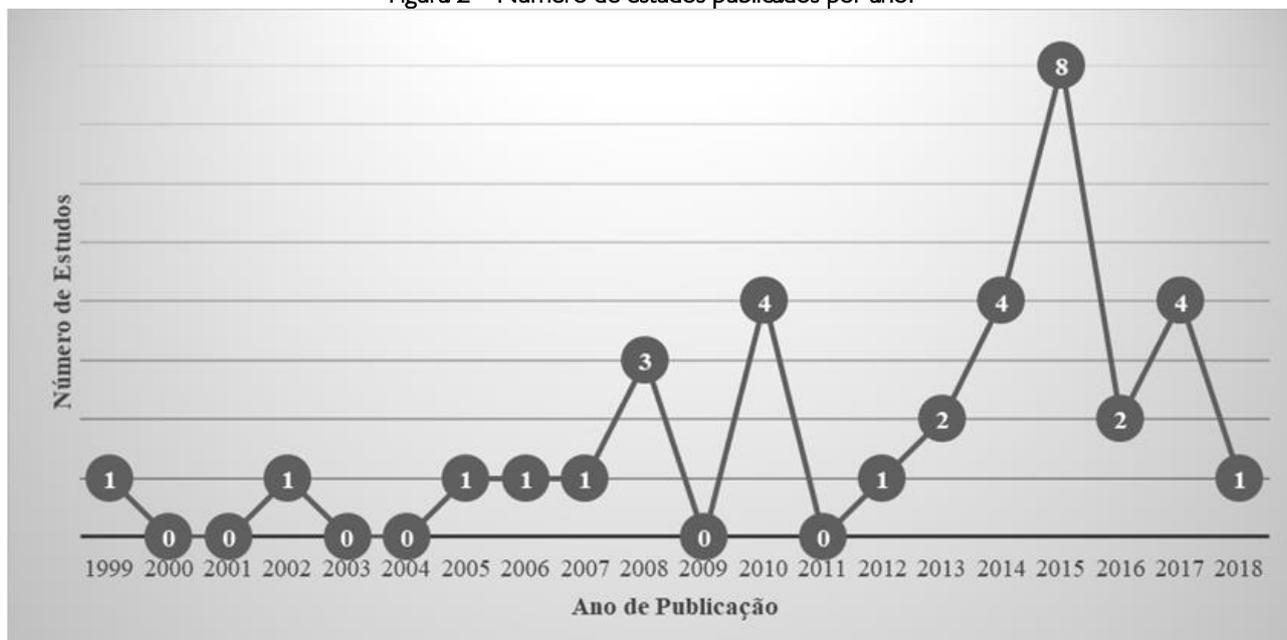


Fonte: elaboração do próprio estudo (2020).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Observou-se que a publicação de trabalhos empíricos com foco no racismo e de seus desdobramentos na educação escolar de crianças é relativamente recente. 1999 foi o ano do estudo mais antigo encontrado, dentro dos formatos dos critérios de inclusão e bancos de busca dessa revisão. É possível que isso tenha a ver com a popularização da internet; não havia antes artigos publicados online. Em 2015, as publicações atingiram o número máximo de trabalhos com esse foco, 8 estudos foram encontrados, tendo uma queda significativa no ano seguinte, em 2016. No ano atual, foi encontrado apenas 1 estudo. Observa-se que poucas publicações são feitas anualmente com foco nesse problema de pesquisa, sendo raro antes de 2004, elevando-se com o passar dos anos, mas havendo uma queda significativa em 2016, 2017 e 2018 (Figura 2).

Figura 2 – Número de estudos publicados por ano.



Fonte: elaboração do próprio estudo (2020).

Os 34 estudos incluídos nesta revisão estão presentes na Tabela 1, onde são apresentados/as os/as autores/as, os títulos e os principais objetivos dos estudos. Esses achados terão seus resultados apresentados de forma descritiva, sendo privilegiados os elementos relativos aos objetivos dos estudos, temáticas abordadas e seus principais resultados.

Tabela 1 – Dados por autor/tipo de produção, título e objetivos dos estudos encontrados.

AUTOR/PRODUÇÃO	TÍTULO	OBJETIVO
Aguiar (2008) - Dissertação	Olhares de crianças sobre pobreza e raça nas relações escolares	Analisar o que falam garotos e garotas pobres e/ou negro(a)s acerca da discriminação, do tratamento desigual e das práticas de exclusão vivenciadas na escola.
Alves (2014) - Artigo	A construção da identidade das crianças Afrodescendentes na escola	Discutir os processos de construção de identidade negra afrodescendente na escola.
Amaral (2013) - Tese	A infância pequena e a construção da identidade étnico-racial na educação infantil	Analisar interferências nos processos de construção da identidade étnico-racial de crianças negras e brancas.
Bastos (2015) - Artigo	“Eu nasci branquinha”: Construção da identidade negra no espaço escolar	Refletir sobre o papel da escola no processo de construção das identidades de gênero e raça.
Carvalho (2005) - Artigo	Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos	Compreender os processos que têm conduzido crianças a um pior desempenho escolar, em especial os meninos negros.
Castelar et al. (2015) - Artigo	Brinquedos e brincar na vida de mulheres educadoras negras	Abordar o brincar e o brinquedo na constituição da mulher negra pelas práticas educativas escolares, no ensino básico, público e privado.
Cavaleiro (1999) - Artigo	O processo de socialização na educação infantil: a construção do silêncio e da submissão	Compreender a socialização no que tange às relações étnicas estabelecidas no espaço da pré-escola e no espaço familiar.
Chagas & França (2010) - Artigo	Racismo, preconceito e trajetória escolar de crianças negras e brancas: a realidade de Sergipe	Verificar os efeitos perniciosos provocados pelo preconceito racial no processo educativo.
Chisté (2015) - Artigo	“Eu queria ser branco”: reflexões que transbordam as linhas de existência da criança negra	Refletir sobre a maneira como as crianças negras presentes no espaço escolar estão experienciando seus processos de constituição identitários.

Cruz (2008) - Dissertação	Percepções das crianças sobre currículo e relações étnico-raciais na escola: desafios, incertezas e possibilidades	Compreender como as crianças percebem, na escola, as relações étnico-raciais por meio do currículo experienciado.
Cruz (2014) - Artigo	Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças.	Focar nas interseções entre as expressões da discriminação racial, as concepções de masculinidade e feminilidade e o pertencimento de sexo entre crianças.
Farias (2016) - Dissertação	"Loira você fica muito mais bonita": relações entre crianças de uma EMEI da cidade de São Paulo e as representações étnico-raciais em seus desenhos	Compreender as relações entre as crianças e observar de que maneira o racismo pode ser construído e constituído desde a infância.
Fasson (2018) - Dissertação	Raça, infância e escola: etnografia entre crianças em uma escola municipal de São Paulo	Tem como objeto de estudo as relações raciais na infância no ambiente escolar.
Feitosa (2012) - Dissertação	Aqui tem racismo!: um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras	Investigar as representações sociais que a criança negra tem acerca da escola, bem como compreender a construção de sua identidade e sua integração no espaço escolar.
França (2017) - Artigo	Discriminação de crianças negras na escola	Analisar o papel do professor no processo de discriminação de crianças negras.
Gaudio (2015) - Artigo	Relações étnico-raciais e os cabelos na educação infantil: Olhar sobre a perspectiva das crianças	Investigar questões que envolvem os cabelos das meninas e dos meninos que frequentam um espaço de educação infantil pública.
Guizzo et al. (2017) - Artigo	Raça e gênero na educação básica: pesquisando 'com' crianças	Discutir e problematizar como determinadas representações étnico-raciais e de gênero são construídas e reiteradas cotidianamente no ambiente da educação básica.
Lins Rodrigues (2013) - Tese	Corpos e culturas invisibilizados na escola: racismo, aulas de educação física e insurgência multicultural.	Examinar a presença do racismo e identificar a geração dos dispositivos de invisibilização de certos corpos e culturas nas séries iniciais do Ensino Fundamental.
Lopes (2014) - Tese	"Infâncias capturadas" e trajetórias de crianças negras encaminhadas pela escola ao Conselho Tutelar	Compreender as dinâmicas em torno da "Captura" e do encaminhamento das crianças ao Conselho Tutelar e das trajetórias das crianças negras nessas instituições.
Martins (2006) - Dissertação	A Identidade de meninas negras: o mundo do faz de contas	Observar como meninas negras constroem sua identidade.
Martins (2017) - Tese	O branqueamento no cotidiano escolar: práticas pedagógicas nos espaços da creche	Analisar a influência do processo de branqueamento nas práticas pedagógicas na pequena infância.
Nunes (2017) - Tese	Mandingas da infância: as culturas das crianças pequenas na escola municipal Malê Debalê, em Salvador (BA)	Estudar as culturas e relações de crianças negras com os adultos.
Oliveira & Abramowicz (2010) - Artigo	Infância, raça e "paparicação"	Analisar as práticas educativas que ocorrem na creche, verificando as maneiras como essas práticas produzem e revelam a questão racial.
Rocha (2015) - Tese	Relações étnico-raciais e educação infantil: dizeres de crianças sobre cultura e história africana e afro-brasileira na escola	Compreender como as crianças significam os saberes sobre a história e cultura africana e afro-brasileira na escola.
Santiago (2014) - Dissertação	"O meu cabelo é assim... igualzinho o da bruxa, todo armado": hierarquização e racialização das crianças pequeninhas negras na educação infantil	Apresentar o impacto da racialização sobre a construção das culturas infantis e debater a presença de mecanismos racistas na educação infantil.
Santiago (2015) - Artigo	Creche e racismo	Debater a presença de mecanismos racistas na educação infantil, primeira etapa da educação básica.
Santos (2008) - Dissertação	Escola, família e comunidade quilombola na afirmação da identidade étnica da criança negra.	Identificar como se constrói e se afirma a identidade étnica da criança negra na inter-relação escola, família e comunidade quilombola.
Sarzedas (2007) - Dissertação	Criança negra e educação: um estudo etnográfico na escola	Conhecer a visão que se tem da criança negra no espaço escolar.
Silva (2002) - Dissertação	Os Estereótipos Racistas nas Falas de Educadoras Infantis: Suas Implicações no Cotidiano Educacional da Criança Negra	Compreender como os mecanismos de construção e sustentação da ideologia do racismo ainda se mantêm fortalecidos através das relações educativas.

Silva (2010) - Dissertação	Negritude e infância: cultura, relações étnico-raciais e desenvolvimento de concepções de si, em crianças.	Investigar concepções de si, crenças e valores relativos a questões identitárias e a diferenças étnico-raciais.
Silva (2015) - Artigo	As representações sociais acerca da criança negra na educação infantil e os mecanismos de discriminação	Refletir sobre as representações sociais acerca das crianças negras na educação infantil e os mecanismos de discriminação racial existentes nesta instituição.
Souza (2010) - Dissertação	Entre a Escola e a Religião: Desafios para as crianças de Candomblé em Juazeiro do Norte.	Compreender significados e sentimentos que as crianças candomblecistas constroem sobre as suas experiências escolares.
Trinidad (2015) - Artigo	Um corpo negado: a importância da educação infantil para a construção e a afirmação da identidade étnico-racial de crianças pré-escolares	Discutir a identificação étnico-racial a partir das falas de crianças e demonstrar que critérios e valores sociais, baseados no racismo, levam crianças negras a negarem seus próprios corpos.
Trinidad (2016) - Artigo	Construção da identidade étnico-racial: o que as crianças pré-escolares têm a dizer?	Analisar a constituição da identidade étnico-racial de crianças pré-escolares.

Fonte: elaboração do próprio estudo (2020).

A maioria dos estudos ($n = 33$) investigou os efeitos do racismo direcionado a crianças negras. Somente um estudo procurou investigar o racismo direcionado a crianças de candomblé (a saber, Souza, 2010). Não foram encontrados estudos sobre racismo, com foco em crianças indígenas, ciganas ou judias, por exemplo. Apesar de as crianças brancas também comporem a amostra de alguns dos estudos, em nenhum deles se identificou efeitos do racismo nessas crianças; ao contrário, evidenciou-se que o racismo na escola reforça a desigualdade de status entre negros e brancos no Brasil. Além de crianças (com idades entre 0-13 anos), também professores fizeram parte de algumas das amostras. Dos 34 estudos, 3 foram realizados exclusivamente com professores (a saber, CASTELAR *et al.*, 2015; FRANÇA, 2017; SILVA, 2002).

Todos os 34 estudos incluídos neste artigo de revisão foram publicados em português. Dos 34, 16 são artigos, 12 são dissertações e 6 são teses. Há uma predominância de estudos originados na área da Educação ($n = 28$), mas também foram encontrados estudos desenvolvidos na área da Psicologia ($n = 5$) (a saber, CASTELAR *et al.*, 2015; CHAGAS; FRANÇA, 2010; FRANÇA, 2017; SARZEDAS, 2007; SILVA, 2010) e da Sociologia ($n = 1$) (a saber, FASSON, 2018). As áreas foram verificadas no próprio arquivo publicado. Quando esta informação não estava presente, a área foi verificada por meio do programa onde o estudo foi desenvolvido ou por meio do currículo do autor/autora do estudo.

A partir de uma análise qualitativa dos títulos, objetivos e dos principais achados dos 34 estudos, constatou-se a existência de sete categorias temáticas: racismo e identidade de crianças negras; preferências pelas características do branco; racismo e Intersecções: raça, gênero e classe; racismo religioso; fracasso e desempenho escolar; racismo, professores e Escola; o discurso de suposta igualdade. A seguir, as sete temáticas são analisadas e são discutidos os principais achados dos estudos.

3.1 Racismo e identidade de crianças negras

A constituição da identidade da criança negra foi o tema mais explicitado pelos estudos. Dos 34 estudos, 14 demonstraram que o racismo tem atingido negativamente a construção da identidade das crianças negras (a saber, ALVES, 2014; AMARAL, 2013; BASTOS, 2015; CAVALLEIRO, 1999; CHISTÉ, 2015; FEITOSA, 2012; GAUDIO, 2015; MARTINS, 2006; SANTIAGO, 2014; SANTIAGO, 2015; SANTOS, 2008; SILVA, 2010; TRINIDAD, 2015; TRINIDAD, 2016). A supervalorização das crianças brancas e a inferiorização das crianças negras pela escola, aparecem, nesses estudos, como causas de forte impacto para a construção negativa da identidade dessas crianças. Segundo Tajfel (1983, p. 290): “a construção da identidade das crianças deriva do seu conhecimento, da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença”. A construção negativa da identidade, demonstrada pelos estudos, refere que, na medida em que a criança negra vai percebendo a diferença nos tratamentos dos grupos e se reconhecendo como pertencente ao grupo social desvalorizado, aquele que é atingido pelos efeitos do racismo, a construção de sua identidade vai sendo afetada. Algumas delas passam, por vezes, a não gostar de sua cor, a se sentir inferior e, como consequência, ter uma baixa autoestima.

Sobre isso, destacamos a pesquisa de Cavalleiro (1999), que observou que a escola se mostra como um contexto bastante perverso, no qual crianças negras estão internalizando conteúdos que contribuem de forma negativa para a construção de sua identidade. Segundo esse estudo, tal problema surge porque as crianças negras vivenciam um espaço que as discrimina e as humilha, tornando-as alvos de seus colegas brancos, por apelidos e palavras depreciativas, sendo excluídas também por parte de seus professores, que se omitem nas situações de discriminação. Cavalleiro (1999, p. 49) traz o depoimento de uma menina negra: “(...) de preta que não toma banho. Só porque eu sou preta elas falam que eu não tomo banho. Ficam me xingando de preta cor de carvão. Elas me xingaram de preta fedida. Eu contei para a professora e ela não fez nada.”. A autora afirma que as experiências vividas na escola, marcadas por essas e outras humilhações, contribuem para condicionar as crianças negras ao fracasso, à submissão e ao medo. Assim, para a criança negra, torna-se difícil a construção de uma identidade positiva. Segundo esse estudo, o efeito do racismo nas crianças pode conduzir ao desenvolvimento de uma baixa autoestima e de um autoconceito negativo. Simultaneamente, a criança branca é levada pela escola a cristalizar um sentimento de superioridade, visto que, diariamente, recebe legitimidade dessa premissa. A escola, assim, atua na difusão do preconceito e da discriminação racial.

O estudo de Santos (2008), pesquisando os efeitos do racismo em crianças negras quilombolas, também identificou a construção negativa das identidades dessas crianças. Examinou-se que o racismo na escola dificulta a construção identitária positiva das crianças negras quilombolas. Identificou-se que a escola

não contribuía para uma representação positiva da identidade das crianças quilombolas, posto que não se trabalhava a história local do quilombo. Ao contrário, aplicava-se um currículo que tinha como parâmetro de humanidade a identidade branca e não qualificava os profissionais da educação no que concerne à lei nº 10.639/03 (que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas).

Apesar de a escola ser um lugar privilegiado na construção de identidades e na socialização das crianças, esse não é um privilégio vivenciado por todas as crianças de forma positiva, como mostram esses estudos. As percepções negativas de si mesmas e as construções de identidades inferiorizadas demonstram que a escola é também um lugar de conflito, principalmente na trajetória das crianças negras.

3.2 Preferências pelas características do branco

Os estudos de Martins (2017), Oliveira e Abramowicz (2010), Santiago (2014) e Silva (2015), revisados neste artigo, demonstram a presença marcante de uma pedagogia do branqueamento nas escolas que, organizada em todos os seus espaços, é pautada em um ideário que valoriza a "branquitude normativa", atuando na preferência, por parte de adultos e crianças, pelo padrão branco (a cor da pele, tipo de cabelo e estrutura facial).

O ideal de beleza branco reproduzido na escola também corrobora para a não aceitação das crianças negras com a cor de sua pele e os seus cabelos crespos, causando nessas crianças descontentamento, insatisfação e baixa autoestima, como identificado nos estudos de Gaudio, (2015), Trinidad (2015) e Trinidad (2016).

Gaudio (2015) analisou em seu estudo as questões que envolvem os cabelos das meninas e dos meninos que frequentam um espaço de educação infantil. As crianças revelaram que a aparência física é um elemento central na organização de suas relações escolares, uma vez que privilegia características como a cor da pele branca, a forma do corpo magro e os tipos de cabelos lisos como padrão de beleza para suas interações. Neste último - o cabelo -, foi observado o descontentamento de algumas crianças perante seus tipos de cabelos. Essa ocorrência foi constatada no grupo de crianças que possuíam traços de origem africana, os quais apontavam concepções negativas acerca de seu pertencimento étnico-racial.

O estudo de Trinidad (2016) também identificou tais efeitos em crianças pequenas, com idade pré-escolar, tanto em meninas quanto em meninos, as observações a seguir exemplificam algumas das situações:

"Eu queria ser com o cabelo 'sem ser enrolado'" [...] "Eu queria que os meus olhos fossem iguais aos da Bela Adormecida". Eu lhe disse: E você queria ter a cor igual à da Bela Adormecida, também? Ela disse: "Querida, sim". Perguntei-lhe qual era a cor da Bela Adormecida. Ela então me

disse: “Rosa, cor de pele”. (Thamires Hélia, filha de mãe branca e pai sem identificação). (TRINIDAD, 2016, p. 5).

O cabelo, eu não queria esse topete e também queria ser branco. Eu queria que meu pai ‘nascesse’ branco, minha mãe “nascia” branca e minha irmã “nascia” branca! Queria toda a minha família branca. (Luiz Gabriel, filho de mãe morena, pai não identificado). (TRINIDAD, 2016, p. 5).

Entre as crianças pesquisadas pela autora, que se autoidentificaram como negras, poucas não demonstraram vontade de ser diferente. Na maior parte dos casos, o moreno, quando acompanhado de traços negros, explicitava situações em que a perversidade do racismo resultava em sofrimento e na negação de seus corpos.

Outros estudos também identificaram que as crianças negras expressam a preferência pelos atributos físicos dos brancos, assim como o desejo em modificar suas próprias características, sobretudo a tonalidade da pele e os cabelos (a saber, AMARAL, 2013; BASTOS, 2015; CASTELAR *et al.*, 2015; CHISTÉ, 2015; CRUZ, 2014; FARIAS, 2016; FASSON, 2018; FEITOSA, 2012; GAUDIO, 2015; GUIZZO *et al.*, 2017; MARTINS, 2006; SARZEDAS, 2007; TRINIDAD, 2015; TRINIDAD, 2016). Segundo esses estudos, a valorização da branquitude na e pela escola é motivador para que as crianças negras expressem tais preferências, que, submetidas à exclusão e ao desprezo escolar, expressam desconforto em relação a seu pertencimento étnico-racial.

O desejo de ter uma pele branca e um cabelo liso reflete na criança negra a constante idealização do que é supostamente ser belo. As crianças negras estão acostumadas a ver as outras crianças brancas em posições superiores, em todo o universo escolar: nos brinquedos, nos livros, nos discursos ditos e não ditos. A preferência branca pela criança negra não é simplesmente uma questão de identificação, mas uma questão social, escolar e de saúde, resultado das representações estereotipadas relativas à negritude e à supervalorização da branquitude. Social, pois o racismo é um fenômeno presente em toda sociedade brasileira, os papéis sociais são exemplos emblemáticos: por um lado o grupo branco, visto como belo, superior, ocupando os melhores cargos nas empresas, presentes majoritariamente nos cursos com mais status social (exemplo: medicina, direito, odontologia, enfermagem, psicologia etc), protagonizando os melhores papéis nas mídias televisivas; do outro o grupo negro, visto como inferior, protagonizando nas mídias televisivas personagens, quase sempre, subalternos, caricatos e estereotipados, limitando-os à condição de escravos ou criminosos. Essa naturalização das relações, posta como se já nascêssemos com uma essência e, conseqüentemente, pronta para ocupar determinadas posições, é extremamente problemática e contribui categoricamente para a existência e permanência do racismo. Escolar, uma vez que tem sido a escola um dos espaços em que o tratamento desigual, motivado pela cor da pele, tem acontecido, sendo a escola um dos principais espaços de reprodução do racismo (GOMES, 2011). E de saúde, pois entende-se que a construção positiva da identidade racial e da autoestima são características de um processo de desenvolvimento positivo e saudável para a criança, experiências negativas e exposição

do racismo na infância, no entanto, tem sido associada a uma gama diversificada de desfechos negativos na saúde de crianças e adolescentes, sobretudo na saúde mental, como sintomas depressivos e solidão (PRIEST *et al.*, 2014).

Tais desfechos são frutos também da falta de apoio a intervenções eficazes na escola para melhorar o bem-estar do aluno e reduzir a exposição ao racismo e as experiências de discriminação racial. Do mesmo modo, são frutos das inúmeras violências praticadas contra as crianças negras, sejam pelos adultos ou pelas próprias crianças brancas, que tendem a ser naturalizadas na escola. Muitos adultos, por não conceberem que as práticas racistas estão nas relações cotidianas da escola, buscam negá-las. Outros consideram os xingamentos e atitudes de discriminação como sendo inerentes às relações e interações construídas pelas crianças. Nesse sentido, tanto adultos quanto crianças, por vezes, reforçam e naturalizam o racismo (SANTANA *et al.*, 2019).

3.3 Racismo e Intersecções: raça, gênero e classe.

A intersecção raça e gênero tornam os efeitos do racismo ainda mais cruéis. Isso foi o que se identificou em 5 dos 34 estudos selecionados nesta revisão (a saber, CASTELAR *et al.*, 2015; CRUZ, 2014; GUIZZO *et al.*, 2017; MARTINS, 2006; NUNES, 2017). O padrão de beleza exigido frente à estética dominante de cor da pele, textura dos cabelos, beleza e peso, também atravessam o contexto escolar e resultam no aumento do sofrimento para as meninas negras. Foi identificada, ainda, uma cobrança por parte dos adultos com relação às meninas negras para que demonstrassem maior controle sobre suas emoções (tristeza, alegria, choro, medo...) (NUNES, 2017). Isso está relacionado ao estereótipo de que mulheres negras são fortes por “natureza”, desde cedo suas emoções são passíveis de controle.

Brincadeiras e brinquedos também revelam a atuação do racismo na infância. O estudo de Castelar *et al.* (2015), também incluído nesta revisão, examinou a influência dos brinquedos e do brincar na vida de mulheres educadoras negras pelas práticas educativas escolares. A autora elucida que o brinquedo e a brincadeira aparecem como analisadores do racismo e estereótipo de gênero na educação escolar, implicando o sofrimento das crianças meninas negras. Dentre eles estão as bonecas loiras de cabelos compridos que aparecem como objeto de desejo da criança. O brinquedo, ao modular os padrões estéticos e comportamentais da sociedade, a partir de um modelo universal – a da boneca branca – limita as possibilidades de identificação das crianças não brancas. Como efeito, a construção da identidade da criança negra nas escolas, em que o brinquedo assume um lugar importante, é conflituosa por ela não se ver representada e nem se reconhecer nesses brinquedos. Embora pareça simples, uma boneca tem um forte e valioso significado para as crianças, que estão em importante processo de desenvolvimento, de construção identitária e de identificação com os grupos. As autoras chamam a atenção para os processos

de branqueamento e negação da negritude que ainda continuam existindo na vida de crianças brasileiras, em variadas situações, incluindo a falta de representatividade das crianças negras nos brinquedos e nas brincadeiras no espaço escolar.

A intersecção raça e classe também marca a trajetória escolar de crianças negras e pobres, é o que mostra o estudo de Aguiar (2008). Nesse estudo, foi observado que as crianças percebidas como pobres e pretas, por terem pele mais escura, eram vítimas de tapas, apelidos discriminatórios, xingamentos, gozações e maus tratos por parte das outras crianças. As crianças que tinham uma condição social mais desfavorecida e eram culturalmente menos valorizadas, não eram aceitas nos grupos de trabalhos na sala de aula. Já as interações professor/aluno negro eram pautadas por atitudes pouco amigáveis, inibidoras, sem elogios, sem olhares carinhosos, sem brincadeiras, sem conversas amigáveis e sem contato físico.

3.4 Racismo religioso

O único estudo encontrado que levantou a discussão sobre efeitos do racismo em crianças candomblecista foi o de Souza (2010). O estudo buscou compreender significados e sentimentos que as crianças candomblecistas constroem sobre as suas experiências escolares, demonstrando em seus achados que as crianças candomblecistas, por seu pertencimento religioso, são vítimas de discriminação racial. A autora destaca que a intolerância religiosa contra o candomblé e religiões de matriz africana é mais um mecanismo de reprodução da ideologia do racismo. Foi identificado nesse estudo que crianças candomblecistas têm vivido sua trajetória escolar de maneira afetada e a causa das discriminações é percebida como racismo religioso. Segundo esse estudo, os efeitos para as crianças candomblecistas no universo escolar provocam nelas sentimentos negativos, em sua maioria, com relação à escola: desgosto quanto às piadas raciais, tristeza, mágoa, medo da rejeição, vergonha com relação à sua identidade religiosa, baixa autoestima, omissão, desinteresse pelo universo escolar, o que, para o estudo, provoca baixo empenho, repetência e evasão.

A análise feita no estudo sobre o ensino vivenciado pelas crianças candomblecistas conclui que elas são vítimas de racismo na escola, sendo vitimizadas por professores, alunos, materiais didáticos e por outras práticas educativas. Foi identificado que o ensino religioso praticado pela escola se constitui como mais um espaço para a prática de discriminações múltiplas e intolerâncias religiosas, ao promover apenas uma religião, o catolicismo, em detrimento de inúmeras outras crenças religiosas, às quais as crianças guardam suas identidades e pertencimentos. Souza (2010) identificou ainda que os professores não possuíam formação que os habilitassem a ministrar a disciplina de ensino religioso, concluindo que, o ensino religioso na escola, quando não baseado no ensino plural e no respeito às religiões de matrizes africanas, constitui-se como mais um espaço para a prática de racismo religioso.

3.5 Fracasso e desempenho escolar

Dois estudos encontrados nesta revisão analisam os efeitos do racismo como motivador do desempenho e do fracasso escolar na trajetória das crianças negras (a saber, CARVALHO, 2005; CHAGAS; FRANÇA, 2010). O percurso tortuoso que vivenciam as crianças negras corrobora para uma trajetória escolar mais longa e acidentada que a das crianças brancas, apontam os resultados de Chagas e França (2010). As autoras desse estudo analisaram os históricos escolares de 40 alunos cursando a 5ª série, sendo crianças brancas, pardas e negras, através de indicadores como aprovação, reprovação, repetência, evasão e defasagem idade-série. Os resultados indicam que pardos e negros se encontram em situação de desvantagem, pois a trajetória escolar deles é mais longa e acidentada que a de brancos. Para as autoras, o percurso escolar tortuoso, pelo qual a criança negra passa, gera certo descrédito em relação a si, um sentimento de incapacidade e desvalorização que influencia o modo como ela se posiciona nas diferentes situações de ensino ao decorrer dos anos. Já no estudo de Carvalho (2005), realizado com crianças e professoras de 1ª a 4ª séries, foi constatado que as professoras tendem a perceber como mais brancas as crianças com melhor desempenho, bem como avaliam com maior rigor os meninos percebidos como negros. A atribuição de raça às crianças teria como referência não apenas características fenotípicas, sexo e nível socioeconômico, mas também seu desempenho escolar.

O desempenho escolar também passa pelo recebimento de notas atribuídas pelos professores nas avaliações que os alunos fazem na escola. França (2017) observou a presença da discriminação da criança negra na nota atribuída pelos professores quando avaliadas redações feitas supostamente por crianças brancas ou crianças negras, em um estudo experimental. Foi solicitado aos participantes que avaliassem uma redação feita por um aluno escolhido ao acaso, indicando uma nota (de 0 a 10) para o seu desempenho. Anexo à redação havia a fotografia de uma criança que, em uma condição, era negra e, em outra, era branca e aparentava 8 anos e meio de idade. As análises realizadas demonstram que os professores atribuem notas mais elevadas à criança branca do que à criança negra. O estudo chama a atenção para os efeitos do racismo no processo de avaliação e correção de atividades de crianças, bem como no que tange ao fato da carência de um adequado tratamento afetivo e julgamento igualitário às crianças negras por parte da escola.

3.6 Racismo, Professores e Escola

No que se refere à postura da escola, o estudo de Lins Rodrigues (2013) observou que o racismo tem agido, a partir de um processo de invisibilização da negritude e da cultura afro. Assim, seus efeitos influenciam de forma que as crianças e jovens negros tenham seus traços, história e cultura desvalorizados,

uma vez que a escola atua para essa invisibilização nas suas atividades cotidianas. A desvalorização e falta de representatividade positiva do negro faz com que as crianças não se vejam como integrantes desse espaço e da sociedade, pois ao invisibilizar o grupo e a cultura negra, estão os alunos negros sendo invisibilizados.

Outro estudo que demonstra um quadro instigante dos efeitos do racismo foi o de Lopes (2014), observando encaminhamentos feitos pela escola para o conselho tutelar. O estudo identificou que nesses encaminhamentos as crianças negras e pobres são vítimas de racismo institucional por parte da escola, bem como do conselho tutelar. Segundo o estudo, a própria judicialização dessas crianças, que são especificamente negras, já é um indicador de discriminação racial, uma vez que, submetidas à condição de judicialização são as crianças negras aquelas selecionadas pelas escolas e encaminhadas ao conselho tutelar. O estudo observa a ausência de análise e reflexão dessas duas instituições das razões pelas quais são as crianças negras submetidas a esse processo, ou seja, tanto a escola quanto o conselho tutelar onde o estudo foi observado não consideram a questão racial como um indicador dos encaminhamentos.

Estudos também observaram que a postura dos professores tem contribuído na manifestação do racismo contra as crianças negras (a saber, ALVES, 2014; CAVALLEIRO, 1999; FEITOSA, 2012; FRANÇA, 2017; OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010; SILVA, 2002). Silva (2002) identificou em seu estudo estereótipos racistas por parte de educadoras. O estudo encontrou diferença nas referências que elas fazem às crianças negras, às brancas e aos meninos e meninas. Às meninas brancas são dados atributos relacionados à esperteza, desenvolvimento cognitivo, falta de reclamação, bom comportamento, não agressividade, tudo é direitinho, certinho e dentro do esquema, têm a família presente, ressaltando, inclusive, que uma delas é a criança ideal. Já as meninas negras têm alguns atributos tidos como dificuldade e não como virtude, a família é muito humilde, elas são dependentes, carentes e o carinho é entendido com uma manifestação de carência. Aos meninos negros as referências mais significativas ressaltadas pelas professoras foram no sentido de justificar que eles também têm seu lado difícil, apesar de não darem problemas para elas, são carentes e de família humilde. Quanto aos meninos brancos, as características que as professoras ressaltam são mais positivadas, classificando-os como as crianças que as mães fazem a roupinha solicitada pela escola, dando a ideia de que a família também é presente na escola; carinho, no caso dos meninos brancos, é entendido como uma virtude e não como carência afetiva.

No estudo de Oliveira e Abramowicz (2010) foram encontrados efeitos perversos do racismo por parte de professoras de uma creche em relação a crianças negras. A ausência de “carinho”, chamado de “paparicação” pelas autoras, mostram que a questão racial apareceu na relação das professoras com as crianças negras na forma da “exclusão”. A “paparicação” que ocorria com as crianças brancas não chegava até as crianças negras, em situações como recusa do contato físico em determinados momentos, recebimento de elogios relacionados à beleza e ao “bom comportamento”, o corpo da criança negra tende

a ser rejeitado, negado. Foi possível até perceber que as professoras beijavam somente determinadas crianças, em sua maioria as brancas. As observações a seguir exemplificam algumas das situações:

Algumas crianças chegavam chorando e não ganhavam colo, no entanto, com determinadas crianças, era diferente: M. (loura, 2 anos) chegou chorando, então Nice (professora branca) a pegou no colo até que ela parasse de chorar. Depois chegou P. (negro, 2 anos) também chorando, mas Nice sentou-se em uma cadeira e o colocou entre as pernas. (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010, p. 218).

As crianças vão chegando, mas a professora só beija L. (loura, 1 ano) e diz: “oi, minha princesa”. Num outro dia, no refeitório, a diretora também elogia essa mesma menina dizendo: “que linda você é”. Marli (professora, branca) passa e beija G. e H. (ambas louras) e diz: “não são lindas?”. J. (negra, 3 anos), da mesma sala que as duas meninas citadas, estava sentada ao lado de G. (loura) e, no entanto, passou despercebida aos olhos da professora. (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010, p. 218).

Na situação acima, as autoras também descrevem que as meninas preferidas pelas professoras eram caracterizadas como “princesas” ou como “filhas”, sendo estas as crianças brancas, já as negras sempre passavam despercebidas pelas professoras, como se não merecessem atenção, elogio e carinho, tal como as crianças brancas. As autoras também examinaram que em todas as salas da creche existia um “furacão negro”. Assim nomeado pelas professoras, os “furacões” eram os meninos considerados terríveis (e sempre do sexo masculino), vistos como os “piores”, os “mal-educados”, “sem respeito”, “vilões”. Além desses “furacões” sempre serem do sexo masculino, também eram eles sempre negros.

3.7 O discurso de suposta igualdade

Apesar das práticas de diferenciação e preferência pelos professores e escola, foi observado, em quatro estudos, um discurso de suposta igualdade, quando a escola e os professores diziam trabalhar como se não houvesse diferença (a saber, AGUIAR, 2008; OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010; SANTOS, 2008; SILVA, 2015). Ou seja “somos todos iguais” e “nessa escola não existe racismo”. Segundo os estudos, tal discurso acaba por contribuir para o silenciamento frente à existência do racismo no contexto escolar, pois sem consciência das desigualdades que existem no próprio espaço escolar, pouco ou nada se faz para superar o racismo. Silva (2015) constatou que o mito da democracia racial está presente no discurso das educadoras pesquisadas acerca do grupo negro, bem como da criança negra, fazendo com que os profissionais da educação não compreendam a dinâmica do racismo na sociedade e continuem a reproduzir o mesmo no contexto escolar. Para agravar, une-se a estas constatações a falta de prática pedagógica que vise à valorização da diversidade racial, ou seja, no caso desse estudo, a maioria dos educadores não enfrenta o racismo através de sua prática pedagógica, uns por acharem que o racismo não existe, outros por não saberem como fazer.

Em síntese, a escola, além de produzir um modelo a ser seguido (eurocêntrico), também silencia frente às questões de racismo. Nesse caminho, o discurso de suposta igualdade acaba por coibir qualquer tentativa de transformação, afinal, se há uma suposta igualdade instalada, não se tem uma preocupação com o tratamento desigual em que vivem as crianças, uma vez que muitos profissionais deixam de perceber o racismo agindo exatamente por acreditar que devido ao suposto fato de “sermos todos iguais” o racismo não existe naquele espaço escolar. Nesse sentido, o discurso de suposta igualdade acaba por contribuir para o silenciamento e para o mito de democracia racial na escola. Junto a isso, esses estudos também denunciam que os professores e educadores não são e nem estão sendo preparados para enfrentar o racismo, não se voltando criticamente para as próprias práticas e não percebendo o quanto também são agentes que promovem a exclusão e o tratamento diferenciado.

4 CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo fazer uma revisão sistemática de estudos sobre os efeitos do racismo na trajetória escolar de crianças, sendo possível encontrar e organizar um número de 34 achados que demonstraram, em seus resultados, efeitos danosos do racismo na trajetória escolar de crianças negras e crianças pertencentes ao candomblé. A construção negativa de suas identidades, a baixa autoestima, a tristeza, a exclusão e o prejuízo no desempenho escolar deixam marcas desde muito cedo nas crianças, atingidas gravemente pelo racismo na sociedade que repercute nas escolas. Os achados revelaram, ainda, que a escola, especialmente a figura do professor, tem tido forte responsabilidade na manutenção e manifestação do racismo contra as crianças negras, através do tratamento dispensado a estas, no que se refere ao carinho, às aproximações, aos gestos e avaliações. Tais achados permitem afirmar que os objetivos e os questionamentos iniciais foram atingidos, confirmando a existência do racismo na escola, com graves repercussões nas trajetórias das crianças negras, sobretudo.

Ainda assim, o número relativamente baixo de pesquisas sugere que mais estudos empíricos com esse foco são necessários, possibilitando entender mais sobre esses e outros efeitos que o racismo tem causado em crianças no contexto da escola.

Todavia, esta revisão apresenta algumas limitações. É possível que os descritores utilizados não abranjam alguns trabalhos. Utilizar além de “racismo” descritores como “preconceito” e “discriminação” pode ser uma possibilidade para ampliar ainda mais o número de achados, bem como o número de plataformas de busca e alcance dos resultados, não somente os estudos nacionais, mas também internacionais. Os próximos estudos de revisão também podem debruçar-se sobre as metodologias adotadas pelas pesquisas, o que não foi o objetivo desse artigo. Da mesma maneira, revisões futuras

podem ampliar os contextos e verificar o papel de outras instituições sociais na propagação do racismo, como a família e a mídia, além de verificar seus efeitos em adolescentes e adultos.

Nesta revisão não se encontraram estudos com foco nos efeitos do racismo em outras crianças não negras, como, por exemplo, as crianças indígenas e ciganas. Além disso, apenas um estudo sobre racismo em crianças candomblecistas foi encontrado. Essa é uma lacuna dos estudos brasileiros que pode ser suprida nas próximas pesquisas. Assim, novos estudos, possivelmente de maior caráter empírico, são necessários com foco nos efeitos do racismo na trajetória escolar das crianças, compreendendo melhor os prejuízos aqui observados e desvelando outras formas de manifestação e dano causado pelo racismo.

Todas estas discussões demandam uma reflexão séria a ser realizada pelas escolas, desde cedo, dado o papel crucial que desempenham na construção das identidades, da socialização e do desenvolvimento das crianças. São necessárias e urgentes intervenções na escola destinadas a melhorar o bem-estar e o contato entre as crianças e os professores, motivando atitudes positivas em relação à diversidade e diferença, visando à redução do racismo e do preconceito na escola. É fundamental o fortalecimento da construção positiva da identidade das crianças negras, a partir do rompimento com os ideais e padrões de branquitude. Para isso, é preciso fornecer aos professores e aos alunos informações sobre as características culturais dos distintos grupos e sobre as bases do racismo. É essencial ter atenção à implementação da Lei nº 10.639/03 e ampliar o alcance de seus efeitos para outros grupos vulneráveis. Estudos futuros de revisões podem centrar-se na forma como as escolas já vêm atuando e construindo estratégias de redução do racismo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Deise Maria Santos. **Olhares de crianças sobre pobreza e raça nas relações escolares**. 138 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008.

ALLPORT, Gordon. **The nature of prejudice**. (3ª ed.). Wokingham: AddisonWesley, 1954.

ALVES, Antonia Regina S. A. A Construção da Identidade das Crianças Afrodescendentes na Escola. Editora Realize, **Anais CINTEDI**, V. 1, ISSN 2359-2915, 2014. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_12_11_2014_21_10_16_i dinscrito_5018_3c3daa3af7a1f7ede73437c702423dc8.pdf. Acesso em: 21 out. 2018.

AMARAL, Arleandra Cristina Talin. **A infância pequena e a construção da identidade étnico**: potenciais e limitações sob o olhar do professor. Tese (Doutorado)- Universidade Federal Do Paraná, Curitiba, 2013.

BASTOS, Priscila da Cunha. "Eu nasci branquinha": construção da identidade negra no espaço escolar. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 615-636, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.14244/198271991117>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Censo Escolar – Educacenso. O item cor/raça no censo escolar da educação básica. **Ministério da Educação**, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2015. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/educacenso/documentos/2015/cor_raca.pdf. Acesso em: 30 out. 2018.

CAMINO, Leoncio; SILVA, Patrícia. MACHADO, Aline. PEREIRA, Cícero. A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. **Revista Psicologia Política**, 1(1), 13-36, 2001. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/psicopol/artigos_pub/artigo_4.pdf. Acesso em: 10 out. 2018.

CARVALHO, Marília. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2005, n.28, pp.77-95. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782005000100007>. Acesso em: 25 out. 2018.

CASTELAR, Marilda; LEMOS, Flávia Cristina; KHOURI, Jamille Georges; ANDRADE, Thaís. Brinquedos e brincar na vida de mulheres educadoras negras. **Psicol. Esc. Educ.** vol.19 no.3 Maringá set./dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193911>. Acesso em: 20 out. 2018.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane. O Processo de Socialização na Educação infantil: A Construção do Silêncio e da Submissão. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.**, São Paulo, 9(2), 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/39447>. Acesso em: 20 out. 2018.

CHAGAS, Luana; FRANÇA, Dalila Xavier de. Racismo, Preconceito e Trajetória Escolar de Crianças Negras e Brancas: A Realidade de Sergipe. **Anais: relatório disponível pelo IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, ISSN 1982-3657, 2010.

CHISTÉ, Tânia Mota. "Eu queria ser branco": reflexões que transbordam as linhas de existência da criança negra. **Revista Simbiótica**, vol.2, n. 1, jun., 2015. Disponível em: <http://www.portaldepublicacoes.ufes.br/simbiotica/article/view/10327/7267>. Acesso em: 20 out. 2018.

CRUZ, Eliana Marques Ribeiro. **Percepções das crianças sobre currículo e relações étnico-raciais na escola: desafios, incertezas e possibilidades**. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

CRUZ, Tânia Mara. **Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças**. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 157-188, Mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v30n1/a07v30n1.pdf>. Acesso em: 23 out. 2018.

FARIAS, Ana Carolina Batista de Almeida. **"Loira você fica muito mais bonita": relações entre crianças de uma EMEI da cidade de São Paulo e as representações étnico-raciais em seus desenhos**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

FASSON, Karina. **Raça, infância e escola: etnografia entre crianças em uma escola municipal de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FEITOSA, Caroline Felipe Jango. **Aqui tem racismo!:** um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras. 240 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2012.

FERNANDES, Florestan. Heteronomia racial na sociedade de classes. In: FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Volume I - O legado da raça branca. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965, p. 211-261.

FRANÇA, Dalila Xavier de. Discriminação de Crianças Negras na Escola. **Revista Interações**, vol. 13 n.º 45 (2017): Violência, discriminação e desigualdades / Artigos. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/9476>. Acesso em: 20 out. 2018.

FRANÇA, Dalila Xavier de. A socialização e as relações interétnicas. In L. Camino, A. N.R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.), **Psicologia Social: Temas e Teorias** (2a ed., pp. 541-587). Brasília: Technopolitik, 2013.

GAUDIO, Eduarda. Relações étnico-raciais e os cabelos na educação infantil: olhar sobre a perspectiva das crianças. **Revista Eventos Pedagógicos**, 6, nov. 2015. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/1995/1633>. Acesso em: 21 out. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações Raciais no Brasil: uma breve discussão. **Ação Educativa**, 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/>. Acesso em: 30 out. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **RBPAE** – v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpaee/article/viewFile/19971/11602>. Acesso em: 30 out. 2018.

GUIZZO, Bianca; ZUBARAN, Maria; BECK, Dinah. Raça e gênero na educação básica: pesquisando 'com' crianças. **Acta Scientiarum. Education Maringá**, v. 39, suppl., p. 523-531, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/29311>. Acesso em: 21 out. 2018.

HONDT, Fanny D'. ECCLES, Jacquelynne S. ECCLES. HOUTTE, Mieke Van HOUTTE. STEVENS, Peter A. J. STEVENS. Perceived Ethnic Discrimination by Teachers and Ethnic Minority Students' Academic Futility: Can Parents Prepare Their Youth for Better or for Worse?. **Springer Science+Business Media**, New York, 2016.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Características Étnico-Raciais da População- Classificações e Identidades. **IBGE**. José Luis Petruccelli e Ana Lucia Sabola (orgs.). Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira. **IBGE**. Rio de Janeiro, RJ: Autor, 2013.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estud. Psicol.** Vol.9 nº3. Natal Sep/Dec 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

LINS RODRIGUES, Antonio Cesar. **Corpos e culturas invisibilizados na escola: racismo, aulas de educação física e insurgência multicultural**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LOPES, Marluce Leila Simões. "Infâncias capturadas" e trajetórias de crianças negras encaminhadas pela escola ao Conselho Tutelar. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. PPGGE - Teses de doutorado, 2014.

MARTINS, Telma Cezar da Silva. O branqueamento no cotidiano escolar: práticas pedagógicas nos espaços da creche. 164 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ª Ed. revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Vinícius; FERNANDES, Taffarel. Chica da Silva e o mito da democracia racial a partir dos romances de Paulo Amador e João Felício dos Santos. **Revista Parajás**, v. 1, n. 1 / 2018. Disponível em: <http://revista.institutoparajas.org/parajas/article/view/13/18>. Acesso em: 21 out. 2018.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Intolerância ou racismo?. **Hora Grande**. Outubro de 2016 - ano XXI- edição 167. Disponível em: https://www.academia.edu/31433487/Intoler%C3%A2ncia_ou_racismo. Acesso em: 25 de Outubro de 2018.

NUNES, Mighian Danae Ferreira. **Mandingas da infância**: as culturas das crianças pequenas na escola municipal Malê Debalê, em Salvador (BA). Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Ariadne Moreira Basílio. Modernidade, raça e intolerância: direitos humanos na encruzilhada. Em: **Anais Encontro da ANDHEP- Direitos humanos, sustentabilidade, circulação global e povos indígenas**. Vitória (ES), 2016.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, raça e "paparicação". **Educ. rev.** Vol.26, n.2, Belo Horizonte, Aug., 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982010000200010>. Acesso em: 20 out. 2018.

PETTIGREW, Thomas. When Groups Meet: the Dynamics of Intergroup Contact. Psychology Press, 2011. In: **Intergroup contact theory. Annual Review of Psychology**, 49, 65-75, 1998.

PRIEST, Naomi; PERRY, Ryan; FERDINAND, Angeline; PARADIES, Yin; KELAHER, Margaret. Experiences of Racism, Racial/Ethnic Attitudes, Motivated Fairness and Mental Health Outcomes Among Primary and Secondary School Students. **Journal of Youth and Adolescence**, 2014.

ROCHA, Nara Maria Forte Diogo. **Relações étnico-raciais e educação infantil**: dizeres de crianças sobre cultura e história africana e afro-brasileira na escola. 324f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. Relações Raciais e rendimento escolar no Estado de São Paulo. **Cadernos de pesquisa**, nº 63. Fundação Carlos Chagas. São Paulo, 1987. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1264>. Acesso em: 10 out. 2018.

SANTANA, J. V. J.; DIAS, J. O.; PEREIRA, R. S.; CUNHA, A. S. J. "Eu tenho vergonha em dizer que sou negra, ninguém gosta, né"? As crianças e as relações étnico-raciais em Itapetinga-BA. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 12, n. 28, p. 323-346, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/9982>. Acesso em: 05 mar. 2019.

SANTIAGO, Flavio. "O meu cabelo é assim... igualzinho o da bruxa, todo armado!": hierarquização e racialização das crianças pequeninhas negras na educação infantil. 127 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2014.

SANTIAGO, Flavio. Creche e racismo. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 441-460, 2015. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1118/418>. Acesso em: 20 out. 2018.

SANTOS, Ana Cristina Conceição. **Escola, família e comunidade quilombola na afirmação da identidade étnica da criança negra**. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

SANTOS, Carina Feitosa dos. **Escola e preconceito: relações raciais na ótica dos professores**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SARZEDAS, Letícia Passos de Melo. **Criança negra e educação: um estudo etnográfico na escola**. 167 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2007.

SILVA, Caroline. As representações sociais acerca da criança negra na educação infantil e os mecanismos de discriminação. **Eventos Pedagógicos**, v. 6, n. 4 (17. ed.), p. 323-341, nov./dez. 2015. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/1990>. Acesso em: 21 out. 2018.

SILVA, Marcella de Holanda. **Negritude e infância: cultura, relações étnico-raciais e desenvolvimento de concepções de si em crianças**. 205 f. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SILVA, Vera Lúcia Neri da. **Os Estereótipos Racistas nas Falas de Educadoras Infantis: Suas Implicações no Cotidiano Educacional da Criança Negra**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, 2002.

SOUSA, Kássia Mota de. **Entre a escola e a religião: desafios para as crianças de candomblé em Juazeiro do Norte**. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2010.

TAJFEL, Henri. **Categorização social, identidade social e comparação social**. Grupos Humanos e Categorias Sociais (Lígia Amâncio, Trad.). Belo Horizonte, MG: Livros Horizonte, 1983.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Construção da identidade étnico-racial: o que as crianças pré-escolares têm a dizer?. Editora Realize, **Anais VIII FIPED**, V. 1, ISSN 2316-1086, 2016. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MDI_SAI4_ID2709_07092016203022.pdf. Acesso em 20 out. 2018.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. UM CORPO NEGADO: a importância da Educação Infantil para a construção e a afirmação da identidade étnico-racial de crianças pré-escolares. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 6, n. 4 (17. ed.), número regular, p. 366-383, nov./dez., 2015. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/2052>. Acesso em: 21 out. 2018.